

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
EPISÓDIOS 1 E 2 DE WELT AM DRAHT
6 de Julho de 2022

WELT AM DRAHT / 1973

("O MUNDO NUM ARAME")

um filme de R.W. FASSBINDER

Realização: Rainer Werner Fassbinder *Argumento:* Fritz Müller-Scherz e Rainer W. Fassbinder, baseado no romance "Simulacron-3", de Daniel F. Galouye *Fotografia* (16mm, Eastmancolor): Michael Ballhaus, Ulrich Prinz *Montagem:* Marie-Anne Gerhard *Música:* Gottfried Hüngsberg *Som:* Ernst Thomas, Hans Pampuch *Cenários:* Kurt Raab, Horst Giese, Walter Koch *Guarda-roupa:* Gabrielle Piallon *Interpretação:* Klaus Löwitsch (Fred Stiller), Adrian Hoven (Professor Henry Vollmer), Mascha Rabben, dobrada por Ingrid Caven (Eva, filha de Vollmer), Ivan Desny, dobrado por Arnold Marquis (Lause, tio de Eva Vollmer), Barbara Valentin (Gloria), Karl-Heinz Vosgerau (Siskins), Günther Lamprecht (Wolfgang), Margit Carstensen (Schmidt-Gentner), Wolfgang Schenck (Franz Hahn), Joachim Hansen (Edelkern), Rudolf Lenz (Hartmann), Kurt Raab (Holm), Karl Scheydt (Lehner), Rainer Hauer (Stuhlfaut), Ulli Lommel (Rupp, um jornalista), Heinz Meier (Weinlaub), Peter Chatel (Hirse), Günther Lamprecht (Fritz Walfang), Ingrid Caven (Uschi, uma jornalista), Eddie Constantine, dobrado por Wolfgang Hess (o homem na Rolls-Royce), Werner Schroeter, Magdalena Montezuma, Christine Kaufmann (convidados na festa), El Hedi ben Salem, dobrado por Wolfgang Hess (um guarda-costas), Gottfried John, Elma Karlowa e Maryse Dellannoy (empregadas do café), Peter Kern e Rudolf Waldemar Brem (enfermeiros no hospital), Rainer Langhans (criado na festa), Katrin Schaake (assistente no laboratório), Bruce Low, Karsten Peters, Walter Sedlmayr, Christiane Maybach (uma senhora no bar), Peter Gauhe (o informante), Rudolf Moland, Doris Mattes, Liselotte Eder, Solange Pradel, Corinna Brocher, Dora Karras-Frank.

Produção: WDR (Colónia, 1973) *Cópias:* dcp, cor, legendadas em inglês e electronicamente em português *Duração:* 1ª parte: 105 minutos; 2ª parte: 107 minutos *Primeiras difusões na televisão:* pelo canal ARD: primeira parte: 14 de Outubro de 1973; segunda parte: 16 de Outubro de 1973 *Inédito comercialmente em Portugal.*

Entre as duas partes há um intervalo de 20 minutos

Fassbinder filmou, em duas partes, "O MUNDO NUM ARAME" logo a seguir à série televisiva em oito episódios "OITO HORAS NÃO FAZEM UM DIA", igualmente para a WDR. À saga familiar do seu primeiro projecto televisivo fez suceder um filme de ficção científica em duas partes a partir do romance do escritor e jornalista americano Daniel F. Galouye *Simulacron – 3*, que voltaria a ser adaptado ao cinema em 1999 numa co-produção americana e alemã realizada por Joseph Rusnak (THE THIRTEENTH FLOOR). A julgar pelos filmes, o universo de Daniel F. Galouye neste romance tem evidentes pontos de contacto com o de Philip K. Dick em *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, o romance de que o argumento de BLADE RUNNER (1982) parte. Entre Ridley Scott e Fassbinder a comparação não é possível e a improbabilidade da sua hipótese assinalável, mas que, anterior a ele e por motivos da discrição pública do primeiro e da conhecida fama do segundo, "O MUNDO NUM ARAME" lembra BLADE RUNNER, lá isso lembra.

Não há, no entanto, nada do "azul BLADE RUNNER" em "O MUNDO NUM ARAME", cujas primeiras imagens até mais depressa evocam a atmosfera do "branco 2001", com os seus cenários futuristas (ainda que menos estilizados do que os de Kubrick). Fassbinder pega no formato do género FC, cruza-o com o suspense de um thriller e confere-lhe também a dimensão folhetinesca adequada ao propósito de série para televisão. Há voltas e reviravoltas, apontamentos surrealistas, fugas e perseguições, cenários cheios de vidros e de espelhos de acordo com a intriga entre a realidade e a virtualidade de dois mundos cuja confusão é possível, ponto à volta do qual gira todo o filme. Simulacros, reflexos e simulações, poderia ser, em três palavras, um resumo breve de "O MUNDO NUM ARAME". E assim neste filme de Fassbinder, em que as últimas palavras do protagonista (Fred Stiller) são "Existo, existo",

colocam-se as questões relacionadas com os terríveis admiráveis mundos novos que foram alimentando a literatura e o cinema de Fritz Lang a David Cronenberg, para nos ficarmos por dois nomes insuspeitos e dois filmes tão estimáveis como METROPOLIS ou EXISTENZ.

O terrível admirável mundo novo de Fassbinder neste filme como a incursão de um estranho numa terra estranha? Justamente não. Sendo verdade que no início dos anos 1970 Fassbinder resolveu tentar uma aproximação frontal ao grande público pela televisão com o intuito de enfrentar a desconfiança e os preconceitos que catalogavam os seus filmes na medida exactamente inversa, também é verdade que fazendo-o, encarou, como sempre, os projectos de um ponto de vista pessoal. E assim, autores como Braad Thomsen contextualizam “O MUNDO NUM ARAME” no interior da sua obra como um filme que parte de um tema directamente ligado aos seus filmes mais pessoais, vindo na sua reflexão sobre o espaço deixado ao individuo e às suas escolhas pela manipulação social e cultural em que está imerso uma das preocupações que atravessa toda a obra de Fassbinder. No mesmo sentido se pode encarar a personagem de Stiller como detentora de alguns dos aspectos dos protagonistas masculinos dos melodramas de Fassbinder da época, solitário e constrangido por forças que lhe são exteriores, como, por exemplo, refere Wallace Steadman Watson (*Understanding Rainer Werner Fassbinder, Film as Art and Public Art*).

Fred Stiller é um protagonista atormentado, sim. Especialista informático numa importante empresa do ramo, assiste ao suicídio de um colega, Vollmer, e vê-se na posse de um segredo difícil de carregar, descobrindo que o mundo em que vive, e que ajudou a criar, é uma mera projecção virtual que toma por modelo o mundo real. Stiller é apanhado numa rede que tece complicadas teias entre a existência e simulacros de existência, mas é também apanhado na mais prosaica teia da comunidade corporativa e política que, sabendo-o detentor do segredo que tem permanecer calado, o quer silenciar a tudo o custo. Uma tal comunidade corporativa e política só pode encarar os pensamentos individuais de “cabeças libertas” (tomemos o termo de empréstimo a Fassbinder) como um alvo a abater. Visto por este prisma, “O MUNDO NUM ARAME” aproxima-se de facto bastante das descrições resumidas de outros filmes de Fassbinder. Reencontramos as dimensões política e pessoal e o confronto entre o corporativo, a formatação social, e os destinos no singular. O que parece destoar relativamente ao universo de Fassbinder, reparo vulgarizado nas análises a este filme, é o desfecho optimista, a possibilidade de um romântico “happy end”, como se, por esta vez, o amor não fosse mais frio do que a morte mas antes se aliasse miraculosamente a ela. Pelo menos no território da ficção científica.

As duas partes do filme dão conta da tomada de consciência por parte de Fred Stiller do tipo de civilização em que tranquilamente vivia – para ele, a tranquilidade vai-se relativamente cedo no filme –, das suas aventuras entre os mundos dito real e dito virtual – onde o único dos modelos artificialmente moldados à imagem humana a ter consciência do seu estatuto de artificio se chama Einstein e tem por prioridade escapar para a dimensão da realidade – e da sua fuga ao cerco crescentemente apertado e nem sempre logicamente explicável das ameaças que o encurralam ou tentam encurralar. Os passos da intriga são devidamente recheados de elementos, acções e “twists” até à espécie de “last minute rescue” final, encenado em grande estilo e um relativo aparato. Entre eles se contam, e neles há que reparar, a fixidez e langor da representação dos actores, em jogo permanente com o naturalismo e não naturalismo que está em causa. Mas também, por exemplo, na omnipresença da música a contribuir para a indefinição nesses mesmos termos da atmosfera de “O MUNDO NUM ARAME”, em que Fassbinder faz alternar Bach e Chopin com música electrónica.

Maria João Madeira